

Entrevista com Paulo Sérgio Pinheiro

Paulo Sérgio Pinheiro, doutor em ciência política, é o atual secretário de Estado dos Direitos Humanos, tendo sido nomeado em 2001. Responsável, em 1978, com o historiador Michael Hall, pela criação do Arquivo de História Social Edgard Leueronh, da Unicamp, e em 1987, com o professor Sérgio Adorno, pelo Núcleo de Estudos da Violência da USP, instituição do qual é diretor. Atualmente é presidente da Subcomissão das Nações Unidas para a Promoção e Proteção dos Direitos Humanos, além de exercer a função de relator especial das Nações Unidas para o Mianmar. Professor da Universidade de São Paulo desde 1985 é autor de diversos livros, ensaios e artigos sobre direitos humanos, violência e história social.

Arquivo Nacional. *O senhor tem uma longa trajetória acadêmica. A partir de sua experiência como secretário de Estado dos Direitos Humanos, o senhor diria que suas reflexões sobre o tema da violência passaram por transformações?*

Paulo Sérgio Pinheiro. Em verdade, minha experiência enquanto secretário de Estado de Direitos Humanos, só tem confirmado aquilo que suspeitava teoricamente, vale dizer, que tanto o Estado como a sociedade brasileira são profundamente autoritários e fazem, muitas vezes, um uso indiscriminado da violência. A descoberta, para mim, é constatar *in loco* a diferença de participação dos vários níveis da federação: municípios, estados e União.

Devo dizer que o papel da União é ingrato: ao mesmo tempo deve responder no plano internacional pela violação dos direitos humanos e supervisionar os estados da federação para que não violem direitos humanos e, se esses direitos forem violados, que os culpados sejam punidos.

Arquivo Nacional. *Como o senhor caracterizaria o conceito de direitos humanos?*

Paulo Sérgio Pinheiro. Direitos humanos é o direito dos sem poder, o direito daqueles que têm dificuldades de articular sua voz no contexto político da nação ou da comunidade internacional. A tarefa de promover e proteger os direitos humanos é articular ações que contribuam para transformar os “sem poder” em sujeitos políticos ativos.

Arquivo Nacional. *Que balanço o senhor faria da atuação da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos? Que linhas se mostraram mais eficazes?*

Paulo Sérgio Pinheiro. A Secretaria de Estado de Direitos Humanos conseguiu nesses sete anos de atuação, tendo tido à frente José Gregori e o embaixador Gilberto Vergne Sabóia, transformar a proteção dos direitos humanos em política pública. Essa é uma conquista irreversível não só do governo brasileiro, mas da sociedade como um todo.

Arquivo Nacional. *Como o senhor vê as avaliações de organizações internacionais a respeito da situação dos direitos*

humanos no Brasil?

Paulo Sérgio Pinheiro. Os relatórios realizados pelas organizações internacionais são uma baliza importante para o Brasil tanto no plano interno como no plano internacional. Esclareço que na minha gestão frente à Secretaria de Estado de Direitos Humanos adotamos uma política de transparência, o que significa dizer que mostramos as nossas mazelas, mas também todo o esforço institucional que está sendo realizado para combatê-las. Acredito que a transparência permite um diálogo com os órgãos de monitoramento da ONU e com a sociedade civil; tarefa essa essencial para a consolidação da democracia em nosso país.

Arquivo Nacional. *O tema da violência, sobretudo urbana, domina hoje as preocupações da sociedade brasileira, que espera soluções rápidas e, às vezes, radicais para o problema. Na sua opinião, é factível acenar com soluções de curto prazo?*

Paulo Sérgio Pinheiro. Gostaria de lembrar que o tema da “violência urbana” está presente não só no debate político brasileiro, mas na comunidade internacional com um todo. Na última eleição francesa o debate central foi sobre a política de segurança pública a ser adotada. Com relação a essa questão deve-se diferenciar os atos concretos de violência e o sentimento de insegurança. As políticas “milagrosas” e imediatas de segurança acabam baseando-se não no

combate à violência urbana de forma efetiva, mas no controle do sentimento de insegurança. Mais policiais, mais viaturas, mais armas na rua e uma polícia mais violenta não atacam o cerne do problema.

Arquivo Nacional. *A sociedade brasileira já consolidou uma vocação democrática? Preconceitos, valores e o descrédito das instituições também contribuem para a violência?*

Paulo Sérgio Pinheiro. O último latinobarômetro indica que o povo brasileiro acredita na democracia. Pesquisa realizada pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos com a

coordenação de Nancy Córdia mostra que a maior parte dos brasileiros e brasileiras não vê a violência como forma de resolução dos conflitos. É evidente que uma prática autoritária ainda teima em persistir, como costume afirmar, “o passado não morreu, nem é passado ainda”... Mas sou otimista. É imprescindível continuar a persistir, a luta árdua pelos direitos humanos nos ensina essa lição.

Entrevista concedida em setembro de 2002 a Claudia Heynemann e Maria do Carmo T. Rainho.